



deau
FOL
13934

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - Embrapa

Embrapa Semi-Árido

**PRINCIPAIS PRAGAS DA CULTURA DA UVA NO
SUBMÉDIO DO VALE DO SÃO FRANCISCO¹**

Francisca Nemauro Pedrosa Haji
José Adalberto de Alencar
Flávia Rabelo Barbosa

PETROLINA - PE

2000

¹Apostila distribuída aos participantes do curso MANEJO DA CULTURA E AGRONEGÓCIO DA UVA DE MESA, promovido pela Embrapa Semi-Árido, no período de 12 a 14 de dezembro de 2000.



PRINCIPAIS PRAGAS DA CULTURA DA UVA NO SUBMÉDIO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Francisca Nemauro Pedrosa Haji ¹
José Adalberto de Alencar ²
Flávia Rabelo Barbosa ¹

1. INTRODUÇÃO

A videira (*Vitis* sp.) pode ser cultivada em quase todo o território brasileiro, sendo porém, as regiões Sul, Sudeste e Nordeste as maiores produtoras, com destaque para os estados do Rio Grande do Sul, que concentra cerca de 40% da área cultivada, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco e Minas Gerais (Botton *et al.* 2000). O Nordeste, mais especificamente, o polo de irrigação Petrolina-PE/Juazeiro-BA, situado no Submédio do Vale do São Francisco, é considerado o maior produtor de uvas finas de mesa do Brasil.

Com a expansão das áreas cultivadas, surge simultaneamente, a ampliação da distribuição geográfica das espécies pragas, por meio dos processos naturais de dispersão ou pelo transporte involuntário de materiais vegetais infestados, de uma região para outra (Morgante, 1991). O conhecimento da associação desses artrópodes à cultura da uva, assim como os seus hábitos, danos e época de ocorrência, são de fundamental importância para que medidas de controle sejam adotadas de forma racional e eficiente.

Dentre as pragas que atacam a videira no Submédio do Vale do São Francisco, serão enfatizadas aquelas de maior expressão econômica, como: o ácaro branco,

¹Eng. Agr., D.Sc., Embrapa Semi-Árido, Cx. Postal 23, 56300-970, Petrolina-PE.
nemauro@cpatsa.embrapa.br

²Eng. Agr., M.Sc., Embrapa Semi-Árido.
alencar@cpatsa.embrapa.br

ácaro rajado, colebroca, mosca-branca, lagarta das folhas, moscas-das-frutas, tripes e cochonilhas.

2. PRINCIPAIS PRAGAS

2.1. ÁCAROS

2.1.1. ÁCARO BRANCO – *Polyphagotarsonemus latus* (Banks, 1904)

(Acari: Tarsonemidae)

Descrição e danos

Este ácaro é polífago, cosmopolita e constitui-se em uma das principais pragas da videira no Submédio do Vale do São Francisco. A fêmea mede em torno de 0,17 mm de comprimento por 0,11 mm de largura e o macho 0,14 mm de comprimento por 0,08 mm de largura, praticamente invisíveis a olho nu. Como mecanismo de perpetuação da espécie, o macho possui o quarto par de pernas modificado, possibilitando carregar a “pupa” da fêmea até o momento da emergência, para que seja garantida a cópula. Os ovos são achatados, têm coloração branca, apresentam saliências superficiais e são colocados isoladamente na face inferior das folhas novas (Gallo *et al.*, 1988). Ataca folhas novas, as quais apresentam coloração verde brilhante e “encarquilhamento”, assemelhando-se aos sintomas de virose. As condições de temperatura e umidade elevadas favorecem o desenvolvimento do ciclo biológico desse ácaro, podendo, porém, ser encontrado em qualquer época do ano, em maior ou menor população.

2.1.2. ÁCARO RAJADO – *Tetranychus urticae* (Koch, 1836)

(Acari: Tetranychidae)

Descrição e danos

O ácaro rajado infesta ocasionalmente a videira, quando na ausência de hospedeiros preferenciais (Hickel, 1998). Este ácaro tece teia na face inferior das folhas e entre os fios da teia efetua a postura. Apresenta um acentuado dimorfismo

sexual; o macho mede cerca de 0,23 mm e a fêmea em torno de 0,45 mm e possui duas manchas verdes escuras no dorso (Gallo *et al.*, 1988). Ataca as folhas e brotações, as quais apresentam manchas escuras avermelhadas, podendo tornarem-se necrosadas e ocorrer a seca das mesmas. Em ataques intensos, esse ácaro pode comprometer o desenvolvimento das plantas, podendo, segundo Reis *et al.* (1998), danificar as bagas. Entretanto, para a viticultura do Submédio do Vale do São Francisco, esse ácaro constitui menos problema do que o ácaro branco.

Controle – As medidas de controle recomendadas são válidas para *P. latus* e *T. urticae*.

Cultural – uma importante medida para a redução da população dessas duas espécies de ácaros, consiste na retirada e na eliminação de todas as partes das plantas após a poda, através da queima fora da área do cultivo; eliminar plantas daninhas hospedeiras desses ácaros antes da brotação da videira; não usar adubação nitrogenada em excesso. **Químico** – utilizar acaricidas específicos. Tetradifon na dosagem de 300 ml para 100 litros de água e carência de 15 dias é recomendado para a Noroeste do estado de São Paulo (Terra, 1993). O ácaro branco é bastante sensível ao enxofre, devendo as pulverizações serem direcionadas às brotações (Reis *et al.* 1998) (Tabela 1).

2.2. COLEOBROCA – *Paramadarus complexus* Casey, 1922 (Coleoptera: Curculionidae)

Descrição e danos

Esta praga, conhecida como broca dos ramos da videira, foi constatada no início de 1988, no município de Santa Maria da Boa Vista – PE. Sua ocorrência está restrita a algumas áreas, porém, ocasionando elevados danos. O adulto mede em torno de 5 mm de comprimento, apresenta coloração marrom-escura e cerdas marrom-clara cobrindo todo o corpo do inseto. A larva é branco-amarelado, constrói

galerias nos nós ou no interior dos ramos, onde ocorre a formação de sua câmara pupal, ocasionando a interrupção da seiva e a morte dessa parte da planta (Haji *et al.* 1995).

Controle

Cultural – recomenda-se realizar sistematicamente a poda dos ramos atacados e queima-los imediatamente fora da área de cultivo. Esta medida reduz consideravelmente a proliferação dessa praga. **Químico** – não há produtos registrados para o controle dessa praga (Tabela 1).

2.3. MOSCA-BRANCA – *Bemisia argentifolii* Bellows & Perring, 1994 (Hemiptera: Aleyrodidae)

Descrição e danos

As moscas-brancas *Bemisia* spp. são insetos sugadores, com reprodução predominantemente sexuada (Zucchi *et al.*, 1993). Os ovos têm coloração amarela, formato de pêra, são colocados na face inferior das folhas, presos por um pedúnculo. As ninfas são translúcidas e de coloração amarela a amarelo-claro. O adulto mede em torno de 2 mm de comprimento, possui metamorfose incompleta (ovo–ninfa-adulto), asas membranosas recobertas por uma substância branca pulverulenta e quando em repouso, são mantidas separadas com os lados paralelos, visualizando-se o abdome. A emergência do adulto é precedida por uma fase chamada “pupário” (exúvia do último ínstar da ninfa) que pode ser ou não recoberta por uma substância pulverulenta e efetua-se através de uma ruptura em forma de T , na região ântero-dorsal do “pupário”. A mosca-branca *B. argentifolii* foi constatada em 1996 no Submédio do Vale do São Francisco, colonizando a cultura da uva e de forma muito intensa, as plantas daninhas presentes nos parreirais (Haji *et al.*, 1996a). O dano observado na videira, até o momento foi a presença de substâncias açucaradas nas folhas e nos frutos (Haji *et al.*, 1996b), favorecendo o desenvolvimento de fumagina, tendo como

conseqüência a redução do processo fotossintético das plantas e alteração na qualidade dos frutos. Summers *et al.* (1995), relatam que a videira e algumas frutíferas, apresentam suscetibilidade a colonização de *B. argentifolii* sendo consideradas um rico potencial para a injúria desta praga; parreirais ou pomares que apresentem uma infestação de mosca-branca logo no início do desenvolvimento da cultura, provavelmente os danos permanecerão por mais tempo, comparado aos de infestação tardia, devido o aumento do número de possíveis gerações do inseto. Nos Estados Unidos, no Vale Coachella da Califórnia, *B. argentifolii* foi constatada em cultivares de uva, com moderada infestação. Entre as cultivares de uva de mesa colonizadas por esta praga, destacaram-se: Thompson Seedless, Perlette, Flame Seedless, Ruby Seedless, Christmas Rose e Red Globe (Summers, *et al* 1995).

Períodos secos e quentes favorecem o desenvolvimento e a dispersão da mosca-branca. Esta praga tem potencial para crescer linearmente sob condições ótimas de temperatura e presença de plantas hospedeiras preferidas. A chuva é o fator mais adverso, causando mortalidade das populações do inseto, principalmente quando são fortes e constantes (Villas Bôas *et al.*, 1997).

Controle : O manejo da mosca-branca, envolve a associação de diversas táticas de controle.

Controle cultural – manter a área do parreiral isenta de plantas daninhas hospedeiras dessa praga e quando possível, não utilizar cultivos suscetíveis a essa praga nas proximidades da cultura da uva. **Químico** – é a modalidade mais utilizada mas geralmente de forma inadequada e torna-se difícil pela facilidade que essa praga tem em adquirir resistência aos diversos princípios ativos existentes no mercado e, pela dificuldade em se atingir os adultos e estádios imaturos, na região abaxial das folhas (Oliveira, 1997). Junto ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento, não existe produtos registrados para o controle da mosca-branca *B. argentifolii*, como também não há ou são escassas as pesquisas realizadas sobre o controle desta praga

Apanteles sp., respectivamente, parasitóides de ovos e de lagartas. **Cultural** – tratando-se de uma praga que ocorre geralmente em focos, a coleta manual das lagartas é uma medida eficaz para reduzir significativamente a população desse inseto (Gonzalez, 1983). **Químico** – na ocorrência de surtos populacionais, poderá ser utilizado Trichlorfon, na dosagem de 100 ml para 100 litros de água, observando-se a carência de 15 dias (Tabela 1).

2.5. MOSCAS-DAS-FRUTAS – *Ceratitis capitata* (Wied., 1824) (Diptera: Tephritidae)

Descrição e danos

As moscas-das-frutas, conhecidas mundialmente como pragas da fruticultura, além dos danos diretos que causam à produção são também consideradas pragas de importância quarentenária. *C. capitata* é uma das espécies de moscas-das-frutas economicamente importante no Brasil (Zucchi, 2000). O adulto mede de 4 a 5 mm de comprimento por 10 a 12 mm de envergadura, apresenta coloração predominantemente amarelada, tórax preto na face superior, com desenhos simétricos e olhos castanhos violáceos. O abdome é amarelo com duas listras transversais acinzentadas. As asas são suavemente rosadas, transparentes, com listras amarelas sombreadas. O ovo é alongado, possui coloração branca, mede cerca de 1 mm de comprimento, assemelhando-se a uma banana. A postura é feita nos frutos em estágio de maturação mais avançado, podendo uma fêmea depositar de 100 a 300 ovos durante sua vida (Fletcher, citado por Morgante, 1991). A larva completamente desenvolvida, mede em torno de 8 mm de comprimento, apresenta coloração branco amarelada, afilada para a parte anterior, truncada e arredondada para a parte posterior e quando perturbada tem a característica de saltar; desenvolvem-se dentro dos frutos e quando prestes a empupar, deixam-se cair ao solo. A pupa tem coloração marrom escuro, mede aproximadamente 5 mm de comprimento e tem a forma de um pequeno barril. *C. capitata*, conhecida por mosca-do-mediterrâneo é a única espécie deste

gênero que ocorre no Brasil. Foi constatada pela primeira vez em 1995, no Submédio do Vale do São Francisco atacando frutos da videira. Sua ocorrência nos últimos anos, tem aumentado consideravelmente na região, em função de outros hospedeiros, como acerola e a expansão das áreas plantadas com goiaba, próximos dos cultivos da videira.

Controle – Para o monitoramento dessa praga, tem sido empregado em larga escala, no Submédio do Vale do São Francisco, para a captura de adultos de *C. capitata*, a armadilha Jackson, específica para esta praga. Utiliza-se, dependendo do tamanho área, uma armadilha por hectare, colocada na periferia do pomar e como isca, o feromônio trimedlure. As inspeções são quinzenais e a reposição do feromônio feita a cada 45 dias. O controle dos adultos é geralmente feito com iscas tóxicas, usando como atrativo melaço ou proteína hidrolisada, associada a um inseticida (Tabela 1). Critérios normativos sobre a padronização das atividades do programa de monitoramento de moscas-das-frutas em todo o território nacional, estarão sendo publicadas dentre em breve.

2.6. TRIPES – *Selenothrips rubrocinctus* (Giard., 1901)

Frankliniella sp. (Thysanoptera: Thripidae)

Descrição e danos

2.6.1. *S. rubrocinctus* – O adulto mede cerca de 1,4 mm de comprimento e tem coloração geral preta ou marrom escuro. A fêmea introduz os ovos sob a epiderme das folhas, cobrindo-os com uma secreção que se torna escura ao secar. As ninfas são amareladas, com os dois primeiros segmentos abdominais vermelhos e carregam na parte terminal do abdome, uma pequena bola de excremento líquido. Os tripes alimentam-se na face inferior das folhas de preferência nas proximidades das nervuras. Em função do ataque surge o aparecimento de manchas amarelas cloróticas

que após certo tempo, tornam-se marrons. Quando o ataque é intenso, ocorre a “queima” e queda das folhas, podendo haver uma desfolha parcial ou total da planta.

2.6.2. *Frankliniella* sp. – O adulto possui coloração que varia do amarelo-claro a marrom-escuro e mede 1 a 2 mm de comprimento. A postura por fêmea, é de 40 a 90 ovos, realizada sob as folhas, pedúnculos florais e ráquis da planta (Espadas, 1996). Os níveis populacionais mais altos coincidem, no caso da uva de mesa, com o período de floração. Os maiores danos ocorrem durante a floração; as fêmeas depositam seus ovos dentro da epiderme dos pedúnculos das flores, folhas, ráquis e frutos (Espadas, 1996). Nos frutos, no local de postura, ocorre um secamento e morte das células formando uma lesão necrosada em forma de Y, tornando-os imprestáveis para comercialização.

Controle

Cultural – a eliminação dos restos da poda e de plantas hospedeiras da praga ao redor e dentro do parreiral são fundamentais para evitar a proliferação e disseminação dessas duas espécies de tripes. **Químico** – aplicar produtos na fase de chumbinho ou logo após a detecção da praga, podendo uma ou duas aplicações serem suficientes (Tabela 1).

2.7. COCHONILHAS

Descrição e danos

São insetos pequenos, sugadores de seiva, pertencentes a ordem Hemiptera, subordem Homoptera, divisão Sternorrhyncha, superfamília Coccoidea e a várias famílias. Muitas espécies são do tipo escamiformes e recobertas por secreções cêreas produzidas por glândulas epidérmicas das ninfas e adultos. As fêmeas são sempre ápteras e nas espécies sexuadas ocorre um acentuado dimorfismo sexual. Podem atacar troncos, galhos, folhas e frutos, tornando as plantas definhadas. Os machos, quando adultos possuem um par de asas (pseudo-alteres), não possuem aparelho bucal e têm vida curta (Zucchi *et al.* 1993). No Submédio do Vale do São Francisco,

(Boletim Técnico de Recomendações para os Perímetros Irrigados do Vale do São Francisco, 2).

MOREIRA, A. N.; HAJI, F.N. P.; DINIZ, R. S.; SANTOS, A. P.; MATTOS, M. A. A.; BARBOSA, F. R.; ALENCAR, J. A. de. Parasitóide de *Bemisia argentifolii* em tomateiro e videira no Submédio do Vale do São Francisco. In: Encontro Latino-americano e do Caribe sobre Moscas-brancas e Geminivírus, 8, Recife, PE. **Anais**. Recife, 1999. P.147.

OLIVEIRA, M. R. V.; SILVA, O. L. R., **Mosca branca *Bemisia argentifolii*, Hemiptera: Aleyrodidae, e sua ocorrência no Brasil**. Brasília: Ministério da Agricultura e do Abastecimento, Departamento de Defesa e Inspeção Vegetal, 1997. 16p. (Alerta Fitossanitário, 1).

REIS, P.R.; SOUZA, J:C.de.; GONÇALVES, N.P. Pragas da videira tropical. **Correio Agrícola**, v.19, n.194, p.92-95, 1998.

SUMMERS, C. G.; NEWTO Jr., A. S.; HANSEN, K. R. Suscetibility of selected grape cultivars and tree fruit to silverleaf whitefly (*Bemisia argentifolii*) colonization. **HortScience**, v. 30, n. 5, p. 1040-1042, 1995.

TERRA, M. M. coord. **Tecnologia para produção de uva Itália na região Nordeste do Estado de São Paulo**. Campinas: CATI, 1993. 51p. il. (CATI. Documento Técnico, 97). Edição especial.

ZUCCHI, R. A. Taxonomia. In: **Moscas-das-frutas de importância econômica no Brasil: conhecimento básico e aplicado**. Ribeirão Preto: Holos editora, 2000. Cap. 1, p. 13-24.

ZUCCHI, R. A.; SILVERA NETO, S.; NAKANO, O. **Guia de identificação de pragas agrícolas**. Piracicaba: FEALQ, 1993. 139 p.

4. REFERÊNCIAS

- BOTTON, M.; HICKEL, E. R.; SORIA, S. de J.; TEIXEIRA, I. Bioecologia e controle da pérola-da-terra *Eurhyzococcus brasiliensis* (Hempel, 1922) (Hemiptera: Margarodidae) na cultura da videira. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2000. 23p. (Embrapa Uva e Vinho. Circular Técnica, 27).
- CARVALHO, M. B. Comentário em torno de uma nova praga da cana de açúcar. **Brasil Açucareiro**, Londrina, v.33, n.6, p.79-80, 1949.
- ESPADAS, A. L. Dos plagas importantes de la vid en el mediterráneo: trips (*Drepanotrips reuteri* Uzel y *Frankliniella occidentalis* Pergande) y melazo (*Pseudococcus citri* Risso). Momentos y umbrales de tratamientos. In: SYMPOSIUM INTERNACIONAL LA SANIDAD DE LA VID EN CULTIVOS DEL AREA MEDITERRÁNEA, 7, 1996, Valencia. **Phytoma**, Valencia, n. 83, p.78-86, nov. 1996.
- GALLO, D; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R. P. L.; BATISTA, G. C.; BERTI FILHO, E.; PARRA, J. R. P.; ZUCCHI, R. A.; ALVES, S. B.; VENDRAMIN, J. D. **Manual de Entomologia Agrícola**. 2. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1988. 649 p.
- GONZALEZ, R. H. **Manejo de plagas de la vid**. Santiago: Universidad de Chile FCAVF, 1983. 115p. il. (Universidad de Chile. Publicaciones en Ciencias Agrícolas, 10).
- HAIJ, F. N. P. **Frutas: Perspectivas e manejo integrado sustentável da mosca-branca**. In: Latino-americano e do Caribe sobre Moscas-Branca e Geminivirus, 8, 1999, Recife, PE. Anais. Recife: [s.n.], 1999. p. 64-67.

- HAI, F. N. P.; ALENCAR, J. A. de; LIMA, M. F. **Mosca branca: danos, importância econômica e medidas de controle.** Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1996a. 9p. (EMBRAPA-CPATSA. Documentos, 83).
- HAI, F. N. P.; LIMA, M. F.; ALENCAR, J. A. de. **Histórico sobre mosca branca no Brasil.** In: Taller Latino-americano y del Caribe sobre Moscas Blancas y Geminivirus, 6, 1997, Santo Domingo, Republica Dominicana. **Memória.** Santo Domingo: [s.n.], 1997. p 5-8
- HAI, F. N. P.; LIMA, M. F.; TAVARES, S. C. C. de H.; ALENCAR, J. A.; PREZOTTI, L.. **Recomendações fitossanitárias para a cultura do tomate industrial dos perímetros irrigados do Submédio São Francisco – Ano Agrícola 1996.** Petrolina: EMBRAPA – CPATSA, 1996a. 8p. (EMBRAPA – CPATSA, Comunicado Técnico, 65).
- HAI, F. N. P.; PREZOTTI, L.; ALENCAR, J. A. de. *Paramadarus complexus* Casey, 1922 (Coleoptera, Curculionidae), nova praga da videira no Submédio São Francisco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENTOMOLOGIA, 15, 1995, Caxambú, MG. **Resumos...** Caxambú: SEB, 1995. p.262.
- HICKEL, E.R. Pragas da videira. In: **Pragas de fruteiras tropicais de importância agroindustrial.** Brasília: Embrapa-SPI, Fortaleza: Embrapa-CNPAT, 1998. Cap. 12, p.191-209.
- HICKEL, E.R. Reconhecimento, coleta, transporte e depósito de ninfas de pérola-da-terra, *Eurhizococcus brasiliensis* (Hempel), pela formiga argentina *Linepithema humile* (Mayr.). **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, Londrina, v,23, n.2, p,285-290, 1994.
- MARICONI, F. A. M.; ZAMITH, A. P. L. Contribuição para o reconhecimento dos margorodinae (Hemiptera: Margarodidae) que ocorrem no Brasil. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, Itabuna, v.2, n.1, p.86-101, 1973.
- MORGANTE, J. S. **Mosca das frutas** (Tephritidae) - Características biológicas: detecção e controle. Brasília, DF: SENIR/MARA/Projeto FAO, 1991. 11p.

Tabela 1. Produtos registrados para o controle das pragas da cultura da uva junto ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento.*

Pragas	Produtos			Classe Toxic.	Carência (dias)
	Nome Técnico	Nome comercial	Dosagem (100 l d'água)		
1. Ácaro branco (<i>Polyphagotarsonemus latus</i>)	-	-	-	-	-
2. Ácaro rajado (<i>Tetranychus urticae</i>)	-	-	-	-	-
3. Coleobroca (<i>Paramacrus complexus</i>)	-	-	-	-	-
4. Mosca branca (<i>Bemisia argentifolii</i>)	-	-	-	-	-
5. Lagarta das folhas (<i>Eumorpha vitis</i>)	Parathion methyl Fenitrothion	Folisuper 600 BR Sumithion 500 CE	100 ml 150 ml	I II	14
6. Moscas-das-frutas (<i>Ceratitis capitata</i>)	Trichlorfon Fenthion	Dipterex Lebaycid EC Lebaycid 500	300 ml 100 ml 100 ml	II II II	07 21 21
7. Trípes (<i>Selenothrips rubrocinctus</i> e <i>Frankliniella</i> sp.)	-	-	-	-	-
8. Cochonilhas	Óleo Mineral Parathion methyl	Iharol Bravik 600 CE	100 ml 100 ml	IV	

* Fonte: Agrofit 1998.

algumas espécies de cochonilhas associadas à videira, ainda não identificadas a nível específico, em geral, não ocasionam danos econômicos.

As cochonilhas podem ser disseminadas pelo vento, pássaros, insetos e pelo homem através de material vegetativo infestado.

Controle

Cultural – eliminar e retirar da área os ramos atacados. **Químico** – utilizar óleo mineral (Tabela 1). Em geral, duas aplicações com intervalos de 15 dias são suficientes para o controle dessa praga.-

3. PRAGAS EMERGENTES

A cochonilha pérola-da-terra *Eurhizococcus brasiliensis* (Hempel, 1922) (Hemiptera: Margarodidae), espécie conhecida apenas no Brasil, tem hábito subterrâneo, ataca raízes de inúmeras plantas cultivadas, silvestres e ornamentais. Dentre as plantas cultivadas, várias frutíferas são atacadas, porém, apenas na videira, essa praga é considerada de expressão econômica, responsável pela redução e desestímulo de novos plantios na região sul do país. Esta praga encontra-se distribuída nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo (Mariconi & Zamith, 1973; Hickel, 1994; Hickel, 1998) e em Pernambuco, no município de Petrolina, com ocorrência assinalada pela primeira vez, em junho de 2000, restrita a uma única área de videira. Em cana de açúcar, em áreas situadas nas proximidades de Recife (Carvalho, 1949) foi constatada a ocorrência de uma outra espécie de pérola-da-terra *Margarodes carvalhoi*. Em 1996, em Juazeiro, no estado da Bahia, constatou-se também a ocorrência de pérola-da-terra em área de cana de açúcar, sem causar nenhum danos a esta cultura. Espécimens deste material foram coletados e enviados ao Dr. Saulo de Jesus Sória, pesquisador da Embrapa Uva e Vinho, que os identificou como sendo uma espécie provavelmente não conhecida,

próxima de *Sphaeraspis carvalhoi* (Costa Lima), e cuja sinonímia é *Margarodes carvalhoi* Costa Lima.

E. brasiliensis ataca cerca de 65 espécies de plantas entre silvestres e cultivadas, sendo considerada praga-chave da videira na região Sul. Até o momento não se dispõe de métodos de controle realmente eficientes (Hickel, 1998).

A dispersão da cochonilha pérola da terra pode ser feita através de mudas, não apenas de videira mas de qualquer outra frutífera e de plantas ornamentais (Hickel, 1998); da água de enxurrada, principalmente a que provoca erosão; de implementos agrícolas como arados, grades, enxadas etc; da locomoção própria da larva primária no solo, sendo esta uma forma muito lenta de disseminação; de formigas pelo transporte de larvas para novos pontos de plantas hospedeiras (Reis et al., 1998).